



XII
ENANPPAS

ENCONTRO NACIONAL
DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL
DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
EM AMBIENTE E SOCIEDADE

**COP30: ENFRENTAMENTOS ÀS
DESIGUALDADES SOCIAIS
E EMERGÊNCIA CLIMÁTICA**

MEMÓRIAS E FERIDAS PSICOLÓGICAS DOS MORADORES DO BAIRRO VILA EUNICE VELHA

Morgana de Oliveira Farias¹; Bruno da Silva da Silveira²; Eloise Clemes Alves³

¹Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC, morganafarias019@unesc.net

² Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC, brunosilveirapsi@gmail.com

³ Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC, eloise_clemes@unesc.net

GT 18: Transformações da paisagem no contexto das mudanças climáticas e ambientais

RESUMO ou Abstract ou Resumen

Os desastres são eventos coletivos marcados por tragédias que causam perdas e danos repentinos e involuntários. Eles desorganizam de maneira intensa e multifacetada a vida das comunidades afetadas. Este trabalho buscou compreender como o desastre ambiental ocorrido em maio de 2024 no Rio Grande do Sul afetou psicologicamente a comunidade do bairro Vila Eunice Velha, localizada no município de Cachoeirinha. A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa e exploratória, utilizando entrevistas semiestruturadas com 4 participantes, selecionados por amostragem em bola de neve. Os relatos analisados revelam sinais consistentes de sofrimento psíquico e sensação de insegurança. Esses achados reforçam a importância de incluir a saúde mental como uma dimensão central nas respostas institucionais a desastres, garantindo não apenas a reconstrução física dos territórios afetados, mas também o acolhimento psicológico das populações. Conclui-se que as pessoas afetadas pelas enchentes estão significativamente suscetíveis ao desenvolvimento de impactos emocionais negativos, que vão além do sofrimento imediato causado pela perda material.

Palavras-chave: Desastre ambiental, Saúde mental, efeitos psicológicos.

Destaques (highlights)

- **Impacto psicológico profundo:** Os moradores do bairro Vila Eunice Velha apresentaram sinais de sofrimento psíquico, incluindo ansiedade, depressão e transtorno de estresse pós-traumático, com relatos de medo persistente e insegurança mesmo meses após o desastre.

Apoio:



Realização:



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
SUSTENTABILIDADE



Financiamento:





XII
ENANPPAS

ENCONTRO NACIONAL
DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL
DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
EM AMBIENTE E SOCIEDADE

**COP30: ENFRENTAMENTOS ÀS
DESIGUALDADES SOCIAIS
E EMERGÊNCIA CLIMÁTICA**

INTRODUÇÃO

O estado do Rio Grande do Sul tem sido atravessado por inúmeras inundações ao longo de sua história, uma das maiores catástrofes que havia sido registrada na região ocorreu em 1941 onde foram 22 dias de chuvas intensas, as águas do Lago Guaíba invadiram o centro da cidade de Porto Alegre, capital do estado e o nível do subiu 4,76 metros acima do nível normal. Na época foram registrados cerca de 70.000 mil pessoas desalojadas e a população total da cidade era de 272.000 mil (Monitchele, 2024).

No mesmo mês de maio, mas no ano de 2024, Porto Alegre estava sofrendo novamente com as enchentes, porém agora além da capital as inundações afetaram cerca de 95% dos municípios gaúchos. O Lago Guaíba dessa vez atingiu o ápice de 5,37 metros acima do nível normal no dia 05 de maio (Monitchele, 2024).

Os impactos dessa tragédia, considerada pelo governo como a maior calamidade climática do Rio Grande do Sul foram devastadores, com algumas cidades tendo mais da metade de sua área urbana destruída. Os números atualizados da defesa civil, datados de 20 de agosto de 2024, revelam que mais de 477 municípios gaúchos foram atingidos, aproximadamente 2.398.255 pessoas sofreram as consequências, 806 indivíduos ficaram feridos, 183 perderam a vida e ainda, 27 pessoas permanecem desaparecidas (SOS enchentes, 2024).

Mas afinal, por que o Rio Grande do Sul está tão exposto a desastres como estes? A imprensa local, juntamente com órgãos de defesa ambiental e ativistas, atribui responsabilidade ao atual governador, Eduardo Leite, pela desmontagem das leis ambientais do Rio Grande do Sul durante seu primeiro mandato, em 2019. Segundo eles, Leite apresentou uma proposta de um novo Código Ambiental que foi aprovada pela Assembleia Legislativa em 75 dias, nela consta a alteração de 480 pontos da estrutura estadual de proteção ambiental, o que trouxe um enfraquecimento das normas ambientais beneficiando o agronegócio e deixando o estado mais vulnerável a esse tipo de evento climático (Neves, 2024).

O bairro Vila Eunice Velha, localizado em Cachoeirinha, Rio Grande do Sul, tem suas raízes nos anos 70. Em 1974, foram feitos loteamentos entre as paradas 48 e 49, em terras que pertenciam ao ‘Velho Noca’, uma figura conhecida da região. O nome do bairro é uma homenagem à professora Eunice, filha do ‘Velho Noca’ e diretora da Escola Estadual Gov. Roberto Silveira. Esse loteamento marcou um momento importante para a cidade, sendo o

Apoio:



Realização:



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
SUSTENTABILIDADE



Financiamento:





XII
ENANPPAS

ENCONTRO NACIONAL
DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL
DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
EM AMBIENTE E SOCIEDADE

**COP30: ENFRENTAMENTOS ÀS
DESIGUALDADES SOCIAIS
E EMERGÊNCIA CLIMÁTICA**

primeiro bairro de classe média alta em Cachoeirinha e impulsionando o crescimento da região (Cidade de Cachoeirinha, 2011).

Em maio de 2024, o bairro Vila Eunice Velha, em Cachoeirinha, Rio Grande do Sul, foi significativamente afetado por inundações devido às chuvas intensas que elevaram o nível do Rio Gravataí. A prefeitura evacuou preventivamente mais de mil moradores de áreas próximas ao dique, incluindo bairros como Meu Rincão, Jardim Vitória, Vila da Paz, Parque da Matriz, Eunice Velha e a área central da cidade. Essa medida visou minimizar os riscos associados ao possível transbordamento e rompimento do dique (Correio do povo, 2024).

Segundo Zhouri et al. (2016), desastres são eventos coletivos marcados por tragédias que causam perdas e danos repentinos e involuntários. Eles desorganizam de maneira intensa e multifacetada a vida das comunidades afetadas. Em muitos casos, esses acontecimentos não apenas rompem a rotina das pessoas, mas transformam profundamente o modo de vida de todo um grupo. Teixeira (2016) destaca que, para compreender melhor os desastres, é preciso ir além das consequências físicas. Em seus estudos, ela ressalta a importância de considerar as vulnerabilidades sociais, como a pobreza e a falta de infraestrutura, que aumentam os riscos e comprometem a capacidade de recuperação das comunidades afetadas.

De acordo com a Alves et al (2021), a compreensão de um desastre depende do observador e da forma como o sujeito se situa no contexto. Eventos repentinos ou desastres têm um grande impacto na vida diária da comunidade comprometendo seu bem-estar em diversas dimensões física, social, econômica e ambiental. Isso não envolve apenas inúmeras perdas materiais, mas também uma forte degradação das relações sociais, promovendo medo e impotência entre as vítimas. Os autores também destacam que o desastre não deve ser considerado de forma independente do contexto específico em que surgiu.

Além disso, a falta de boas condições de trabalho torna difícil conseguir a renda necessária para reconstruir suas vidas e restabelecer suas funções na família e comunidade. Em situações mais graves, quando os provedores financeiros da família se falecem, o restante pode enfrentar dificuldades para encontrar apoio financeiro. Em tais cenários, famílias acham-se, por vezes, impossibilitadas de recompor suas estratégias de sobrevivência, fossem elas formais ou informais, as quais vigoravam antes do ocorrido.

Apoio:



Realização:



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
SUSTENTABILIDADE



Financiamento:





XII
ENANPPAS

ENCONTRO NACIONAL
DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL
DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
EM AMBIENTE E SOCIEDADE

**COP30: ENFRENTAMENTOS ÀS
DESIGUALDADES SOCIAIS
E EMERGÊNCIA CLIMÁTICA**

METODOLOGIA

Este estudo buscou investigar os efeitos psicológicos resultantes do desastre ambiental em um município no sul do Brasil e as estratégias que foram utilizadas pelas vítimas para lidar com as repercussões emocionais e psicológicas. Nesse sentido, foi realizado um estudo qualitativo exploratório (Goldenberg, 2011). Para alcançar os participantes da pesquisa foi utilizado o método de amostragem bola de neve (Bockorni e Gomes, 2021). A pesquisa iniciou com um indivíduo chave, que consistiu em uma liderança comunitária que foi previamente identificada como residente da área impactada pelo desastre e que posteriormente indicou outras pessoas que também vivenciaram os eventos, expandindo a rede de participantes de forma gradual, compondo uma amostra de 4 participantes.

Para a análise dos dados, foi utilizada a técnica de análise de conteúdo compreendida como “um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais sutis em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a ‘discursos’ (conteúdos e continentes) extremamente diversificados” (Bardin, 2016, p. 15). O tratamento dos resultados e interpretação envolve a síntese e categorização dos dados, relacionando-os com o problema de pesquisa e interpretando-os à luz do referencial teórico (Bardin, 2016).

RESULTADO E DISCUSSÃO

Nessa etapa do trabalho serão apresentados os dados obtidos através das entrevistas realizadas com quatro moradores do bairro Vila Eunice Velha no município de Cachoeirinha no Rio Grande do Sul após a ocorrência do desastre ambiental. As falas dos entrevistados foram analisadas à luz da técnica de análise de conteúdo de Laurence Bardin. Essa análise foi feita baseada nos objetivos específicos deste estudo, os quais buscaram compreender os efeitos psicológicos do desastre ambiental, identificar manifestações emocionais e sintomas recorrentes, investigar a percepção de apoio social por parte dos moradores e entender quais foram as estratégias de enfrentamento utilizadas por cada um deles para conseguir lidar com as consequências deste desastre.

Sendo assim, foram extraídos os códigos temáticos que mais surgiram durante as entrevistas e que mais condizem com os objetivos desta pesquisa. Os trechos apresentados aqui demonstram como os moradores se sentiram, como foram afetados emocionalmente e o significado que deram a experiência que viveram. Os dados foram apresentados de forma

Apoio:



Realização:



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
SUSTENTABILIDADE



Financiamento:





XII
ENANPPAS

ENCONTRO NACIONAL
DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL
DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
EM AMBIENTE E SOCIEDADE

**COP30: ENFRENTAMENTOS ÀS
DESIGUALDADES SOCIAIS
E EMERGÊNCIA CLIMÁTICA**

anônima; para preservar a identidade dos participantes, cada morador foi identificado pela letra 'M', seguida por um número de 1 a 4.

Com base nas amostras de análise realizadas, no que se refere à categoria temática 'saúde mental dos afetados', todos os moradores entrevistados mencionaram ter tido um impacto emocional relevante, tanto na época do evento quanto após a tragédia ambiental. Abaixo segue trechos das entrevistas em destaque, demonstrando claramente este impacto emocional que eles vivenciaram:

Pegou todo mundo despercebido, foi muito rápido. Então eu acho que o nosso psicológico ficou 100% abalado. E nós ficamos com medo. Medo de acordar na água. Não é nem acordar e botar o pé no chão e estar molhado. Não, a gente pode acordar na água já em cima da cama (M1).

Muita ansiedade, muita tristeza. Eu levei dois meses pra voltar (M2).

Cada trovão me fazia tremer. Achava que tudo ia recomeçar (M3).

Perdia o sono, ansiedade a mil, comendo enlouquecidamente (M4).

Nesse sentido, Da Silva et al. (2024) destacam que os desastres ambientais afetam profundamente a saúde mental dos sobreviventes, provocando crises emocionais e quadros de estresse que podem surgir logo após o incidente e se estender por meses, manifestando-se como estresse agudo, crônico, transtorno de estresse pós-traumático, além de sintomas de ansiedade e depressão.

Corroborando com essa informação, na categoria temática 'sintomas de transtornos mentais identificados', alguns depoimentos dos moradores afetados fazem referência de características dos sintomas de alguns transtornos mentais. A maioria desses sintomas também é reconhecida como agravante de ansiedade e depressão e também do transtorno de estresse pós-traumático. Os entrevistados apresentaram relatos basicamente parecidos com os descritos pelo estudo Da Silva et.al (2024).

A gente não sabe se vai dormir e acordar com a água dentro de casa de novo (M1).

Eu me peguei semana passada, eu descendo a pé. E eu... Comecei a ver os níveis da água. Não vi marcas, mas o meu emocional começou a ver os níveis da água. E me deu um baque, assim, sabe? Uma nostalgia chata (M1).

Cada vez que chove, parece que tudo volta. O medo toma conta (M3).

Ainda tenho medo que lá pelo mês de maio, abril, comece tudo de novo (M2).

Não queria sair da cama. A tristeza era maior que eu (M4).

Apoio:



Realização:



anppas



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
SUSTENTABILIDADE



Financiamento:





XII
ENANPPAS

ENCONTRO NACIONAL
DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL
DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
EM AMBIENTE E SOCIEDADE

**COP30: ENFRENTAMENTOS ÀS
DESIGUALDADES SOCIAIS
E EMERGÊNCIA CLIMÁTICA**

Durante as entrevistas, foi possível observar variações significativas nas reações dos participantes. Para alguns, apenas lembrar as vivências relacionadas ao desastre ambiental já foi suficiente para provocar uma expressão de tristeza. Houve pessoas que ficaram com voz embargada, olhos marejados e fizeram pausas prolongadas durante o relato, indicando que o peso emocional ainda está presente. Essas expressões emocionais mais intensas foram particularmente observadas entre as mulheres entrevistadas, especialmente mulheres negras. Oliveira (2024) salienta que essas desigualdades de raça e gênero parecem se tornar especialmente significativas em cenários de desastres, destacando que mulheres e meninas estão mais vulneráveis, correndo mais risco até mesmo de morte. O autor mostra o exemplo do Furacão Katrina (2005), quando ele atingiu o estado do Mississippi (EUA), e fornece dados a esse respeito, de que as mulheres negras foram mais impactadas. Além disso, Oliveira (2024) chama a atenção para o fato de que as questões de relações de poder e controle social, de acordo com gênero e raça, estão profundamente articuladas, de modo a não serem analisadas como questões isoladas.

Um estudo publicado por Scardua et al (2022) revela que a perda de bens, especialmente de moradias, tem um impacto devastador nas famílias. E que a destruição de casas e de itens essenciais impõe uma forte pressão sobre a economia doméstica, afetando não só a segurança material, mas também o equilíbrio físico e emocional das pessoas.

Pra mim foi a pior parte. As roupas tu consegue. E as fotos? E as coisas do jornal? Pastas de material de jornal. Nossa história de carnaval. Nossa história de dança (M4). A gente teve que sair de casa, deixar tudo pra trás. Foram dias sem saber pra onde ir (M4)
Ficamos fora de casa dois meses. Até conseguir recuperar tudo... Nem botei no papel. Ah, melhor não, né? Quando tava nos 80 mil eu parei de contar, senão ia enlouquecer (M2)

Percebe-se, além disso, que há um sentimento de desamparo, frustração e abandono, sobretudo devido à lentidão do processo de reconstrução e à ausência de políticas públicas relevantes para atender às suas necessidades. Os moradores das áreas afetadas disseram que receberam assistência financeira mínima do governo e não houve apoio psicossocial para as famílias. A isso deve-se acrescentar a vulnerabilidade institucional, que, segundo a Weintraub (2022), pode estar relacionada ao Estado ser incapaz de garantir o fornecimento de itens básicos à população em situações de crise.

Apoio:



Realização:



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
SUSTENTABILIDADE



Financiamento:





XII
ENANPPAS

ENCONTRO NACIONAL
DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL
DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
EM AMBIENTE E SOCIEDADE

**COP30: ENFRENTAMENTOS ÀS
DESIGUALDADES SOCIAIS
E EMERGÊNCIA CLIMÁTICA**

Essa instabilidade atua principalmente contra a eficiência do plano de ação e o desenvolvimento de iniciativas para responder às consequências da calamidade no início e na recuperação. Além disso, os efeitos podem ser agravados pela fragilidade do Estado, se as instituições públicas não conseguirem fornecer os serviços necessários. Existem ainda fragilidades mais profundas em ação, que não se resumem apenas ao excesso de demanda do Estado, mas a uma quebra de confiança pública nas instituições, que muitas vezes se mostram despreparadas para prevenir ou minimizar os danos causados por um desastre. O relato do “M1” expõe essa insatisfação quando diz:

Agora eu vou criticar muito o governo. O governo estadual e municipal não deu nenhum tipo de apoio ao PÓS. Verba de 5 mil, isso aí, não é nem 2%, né? Do que a comunidade precisa. E eles não deram apoio do POS a nível operacional, a nível financeiro, a nível de moradia, a nível psicológico, não deram nada (M1).

Apesar da falta de apoio do Estado, como mencionado anteriormente, todos os entrevistados enfatizaram a relevância da união entre vizinhos e o apoio da família. A união da comunidade foi fundamental, tanto durante as fases iniciais da tragédia quanto depois. Esse suporte foi apontado como uma das principais ferramentas para ajudar os moradores a suportar a dor, o medo, e todas as dificuldades passadas. Conforme indicado na categoria temática ‘fatores de recuperação emocional’. Fernandes, Boehs e Heidemann (2013) apontam em seu estudo que o suporte das relações sociais próximas é importantíssimo para auxiliar as pessoas a enfrentarem os efeitos dos desastres. Essa ajuda diminui o sofrimento emocional, particularmente quando se trata de grandes perdas.

Nesse contexto, algumas falas se destacam por enaltecer como o apoio recebido despertou uma nova forma de ver o mundo para alguns moradores. Para eles, a solidariedade vivenciada após o desastre despertou reflexões sobre a empatia, o senso de coletividade e os valores essenciais que nos definem como seres humanos diante de tanta perda. Gomes e Cavalcante (2012) salientam que vizinhos, família e amigos desempenham um papel crucial para os sobreviventes de um desastre. No entanto, por mais importante que esse apoio inicial possa ser, é importante observar que a continuidade do cuidado, o mais rápido possível, deve ficar sob a responsabilidade das instituições, que possuem maior estrutura técnica e organizacional para continuar fornecendo os serviços.

Apoio:



Realização:



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
SUSTENTABILIDADE



Financiamento:





XII
ENANPPAS

ENCONTRO NACIONAL
DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL
DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
EM AMBIENTE E SOCIEDADE

**COP30: ENFRENTAMENTOS ÀS
DESIGUALDADES SOCIAIS
E EMERGÊNCIA CLIMÁTICA**

Essa enchente mudou a minha vida e acredito que a vida de muita gente, porque foi impactante a questão social, da união, que em alguns bairros tu não conhece teu vizinho, tu não sabe quem é teu vizinho de porta, tu não cumprimenta teu vizinho e eu não digo por mim, mas eu vi muitos relatos de pessoas que mudaram o conceito social, todas essas pessoas que saíam de manhã pra ir trabalhar, voltavam de noite e entravam na porta, eles já são mais solidários depois da enchente, viram que foi uma coisa muito geral a questão da solidariedade, da união (M1).

Os vizinhos viraram família. A gente se ajudou como pôde (M4).

Além do apoio social de parentes e amigos, cada morador desenvolveu suas próprias estratégias de enfrentamento para lidar com os efeitos emocionais do desastre. Esses recursos individuais foram bem importantes na adaptação e na recuperação psicológica. Além disso, Gomes e Cavalcante (2012) enfatizam que, no contexto em que este estudo se concentra, as pessoas afetadas precisam encontrar estratégias que lhes permitam superar a crise e enfrentar a situação com determinação. No entanto, nenhum dos participantes mencionou ter tido ajuda psicológica formal. A falta de procura por ajuda pode ser atribuída a vários fatores, incluindo a falta de acesso aos cuidados de saúde mental apropriados, falta de reconhecimento da importância de tal apoio e restrições financeiras.

Conversar bastante. Conversar bastante, procurar amigos (M1).

Voltei a trabalhar, isso me ajudou bastante (M2).

Foi muito difícil, mas consegui me reerguer com apoio da minha rede (M3).

A dança me ajudou muito (M4).

Muitos entrevistados relataram também ter recebido ajuda de pessoas de diversas regiões do país, e isso serviu como motivação para continuarem suas vidas após o desastre. A resiliência de cada um e o apoio recebido foram ferramentas fundamentais para, mesmo que parcialmente, restabelecerem suas rotinas e reconstruírem suas histórias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS OU CONCLUSÃO

Este trabalho buscou compreender o impacto psicológico sofrido pelos moradores do bairro Vila Eunice Velha no município de Cachoeirinha no Rio Grande do Sul diante da tragédia ambiental que assolou o estado em abril/maio do ano de 2024. A partir das entrevistas realizadas, das vivências e das memórias compartilhadas por cada um dos moradores entrevistados foi possível identificar danos que vão muito além de prejuízos materiais. O

Apoio:



Realização:



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
SUSTENTABILIDADE



Financiamento:





XII
ENANPPAS

ENCONTRO NACIONAL
DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL
DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
EM AMBIENTE E SOCIEDADE

**COP30: ENFRENTAMENTOS ÀS
DESIGUALDADES SOCIAIS
E EMERGÊNCIA CLIMÁTICA**

desastre trouxe mudanças significativas na rotina, na identidade e no sentido de pertencimento de cada um deles. Além do sentimento de luto em relação aos bens materiais que perderam, alguns relataram a dor por ter perdidos elementos que faziam parte de suas memórias afetivas, como fotos, objetos simbólicos o que evidenciou que a enchente não levou apenas estruturas físicas, mas também pedaços de suas experiências emocionais que fizeram parte as histórias de vida de cada um.

No ponto de vista psicológico, todos os participantes continuaram a apresentar sinais de sofrimento emocional causado pelos traumas sofridos. Também foi frequentemente mencionado uma certa insegurança e um futuro incerto, visto que as autoridades não forneceram quase nenhuma assistência para que pudessem reconstruir suas casas a fim de restabelecer condições de vida normais. Além disso, todos relataram um sentimento profundo de que é possível, a qualquer momento, enfrentar novos desastres. Mas cada participante também adotou, à sua maneira, algum método para superar os problemas psicológicos causados por essa tristeza. A força coletiva e a resistência individual desempenharam um papel importante, permitindo-lhes continuar apesar de sofrer tantas perdas.

Dessa forma, conclui-se que há uma demanda psicológica significativa a ser considerada entre os moradores que vivenciaram desastres naturais. A assistência oferecida não pode9- se limitar apenas à reconstrução física das áreas afetadas, é urgente que se amplie o olhar para as necessidades emocionais e psicológicas dessas pessoas, garantindo um cuidado integral e humanizado.

REFERÊNCIAS

ALVES, Marisa Helena *et al.* **REFERÊNCIAS TÉCNICAS PARA ATUAÇÃO DE PSICÓLOGAS (OS) NA GESTÃO INTEGRAL DE RISCOS, EMERGÊNCIAS E DESASTRES**. Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2021. Disponível em: <Link> <https://crepop.cfp.org.br/wp-content/uploads/sites/34/2022/10/027-Crepop-Referencias-Tecnicas-para-Atuacao-de-Psicologas-os-na-Gestao-Integral-de-Riscos-Emergencias-e-Desastres.pdf>

BARDIN, Laurence. **ANÁLISE DE CONTEÚDO**. 70. ed. São Paulo: Almedina Brasil, 2016. Disponível em: <Link> <https://madmunifacs.wordpress.com/wp-content/uploads/2016/08/anc3a1lise-de-contec3bado-laurence-bardin.pdf>

BOCKORNI, Beatriz Rodrigues Silva; GOMES, Almira Ferraz. A AMOSTRAGEM EM SNOWBALL (BOLA DE NEVE) EM UMA PESQUISA QUALITATIVA NO CAMPO DA ADMINISTRAÇÃO. **Revista de Ciências Empresariais da Unipar**, [S.L.], v. 22, n. 1, p.

Apoio:



Realização:



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
SUSTENTABILIDADE



Financiamento:





XII
ENANPPAS

ENCONTRO NACIONAL
DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL
DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
EM AMBIENTE E SOCIEDADE

**COP30: ENFRENTAMENTOS ÀS
DESGUALDADES SOCIAIS
E EMERGÊNCIA CLIMÁTICA**

105-117, 22 jun. 2021. Universidade Paranaense.
[Http://dx.doi.org/10.25110/receu.v22i1.8346](http://dx.doi.org/10.25110/receu.v22i1.8346).

Cidade de Cachoeirinha, Blogspot. 20 de dez. de 2011. Disponível em: <Link>
<https://cidadedecachoeirinha.blogspot.com/2011/12/bem-vindo-cidade-de-cachoeirinha.html?m=1> Acesso em: 07 de nov. de 2024.

FERNANDES, Gisele Cristina Manfrini; BOEHS, Astrid Eggert; HEIDEMANN, Ivonete Teresinha Schülter Buss. O suporte social durante a transição familiar no pós-desastre natural. **Texto & Contexto - Enfermagem**, [S.L.], v. 22, n. 4, p. 1098-1105, dez. 2013.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: Como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais**. Rio de Janeiro: Rocord, 2011.

GOMES, Erika Ravena Batista; CAVALCANTE, Ana Célia Souza. Desastres naturais: perdas e reações psicológicas de vítimas de enchente em Teresina-PI. **Psicologia e Sociedade**, v.24, n. 3, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822012000300025>.

MONITCHELE, Marília. **DE 1941 A 2024: POR QUE AS ENCHENTES SÃO DESAFIO CONSTANTE NO RS**. São Paulo: Veja, 08 maio de 2024. Semanal. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/ciencia/de-1941-a-2024-porque-as-enchentes-sao-desafio-constante-no-rs>. Acesso em: 22 out. 2024.

MAIS DE MIL PESSOAS SÃO EVACUADAS DE ÁREAS PRÓXIMAS DO DIQUE, EM CACHOEIRINHA. Porto Alegre: Correio do Povo, Diário. 03 de maio de 2024. Disponível em: <Link> <https://www.correiodopovo.com.br/not%C3%ADcias/cidades/mais-de-mil-pessoas-s%C3%A3o-evacuadas-de-%C3%A1reas-pr%C3%B3ximas-do-dique-em-cachoeirinha-1.1490883> Acesso em: 07 de nov. de 2024.

NEVES, Ernesto. **EDUARDO LEITE MUDOU QUASE 500 NORMAS DO CÓDIGO AMBIENTAL DO RS**. São Paulo: Veja, 10 maio de 2024. Semanal. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/agenda-verde/eduardo-leite-alterou-mais-de-500-pontos-do-codigo-ambiental-do-rs-em-2019>. Acesso em: 23 de out. de 2024

OLIVEIRA, Talita Gantus de. Vulnerabilidade de gênero e raça e o olhar interseccional sobre os desastres. **Revista Estudos Feministas**, [S.L.], v. 32, n. 1, p. 01-15, 27 maio 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/92823>. Acesso em: 20 maio. 2025.

SCARDUA, Angelita Corrêa *et al.* Em carne viva: impactos psicológicos da perda da casa após um desastre natural. **Self - Revista do Instituto Junguiano de São Paulo**, [S.L.], v. 7, n. 1, p. 01-13, 28 jun. 2022. Instituto Junguiano de Sao Paulo (IJUSP). Disponível em: <https://self.emnuvens.com.br/self/article/view/167>

Apoio:



Realização:



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
SUSTENTABILIDADE



Financiamento:





XII
ENANPPAS

ENCONTRO NACIONAL
DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL
DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
EM AMBIENTE E SOCIEDADE

**COP30: ENFRENTAMENTOS ÀS
DESIGUALDADES SOCIAIS
E EMERGÊNCIA CLIMÁTICA**

SILVA, Diego da *et al.* INTERVENÇÕES EM RISCOS E DESASTRES: o papel da psicologia no acolhimento das demandas emocionais da população que sofre com as enchentes no rio grande do sul. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, [S.L.], v. 10, n. 5, p. 5378-5390, 27 maio 2024. Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação.

Situação nos municípios, SOS enchentes, 2024. Disponível em: <Link>
<https://sosenchentes.rs.gov.br/situacao-nos-municipios>. Acesso em: 22 de Out. de 2024.

TEIXEIRA, Raquel Oliveira Santos. “**A GENTE TEM QUE FALAR AQUILO QUE A GENTE TEM QUE PROVAR**”: a geopolítica do risco e a produção do sofrimento social na luta dos moradores do bairro camargos em belo horizonte - mg. 2014. 324 f. Tese (Doutorado) - Curso de Sociologia, Filosofia e Ciências Humanas, A Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

WEINTRAUB, Ana Cecília Andrade de Moraes *et al.* **DE SAÚDE MENTAL E ATENÇÃO PSICOSSOCIAL NA COVID-19 RECONSTRUÇÃO PÓS-DESASTRES E EMERGÊNCIAS EM SAÚDE PÚBLICA**: demanda em saúde mental: uma proposta de classificação de risco em saúde mental. 2. ed. Brasília: Ministério da Saúde e Fiocruz Fundação Oswaldo Cruz, 2022. Disponível em: https://www.fiocruzbrasil.fiocruz.br/wp-content/uploads/2022/07/Cartilha-03_Curso-Saude-Mental-Fiocruz_Modulo-3_.pdf?utm_source=chatgpt.com

ZHOURI, Andréa *et al.* O desastre da Samarco e a política das afetações: classificações e ações que produzem o sofrimento social. **Ciência e Cultura**, [S.L.], v. 68, n. 3, p. 36-40, set. 2016. Disponível em: <Link>
http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252016000300012

Apoio:



Realização:



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
SUSTENTABILIDADE



Financiamento:

